

AUGUSTO DE PRIMA PORTA: *sentidos e construções*¹

Augusto Antônio de Assis

Mestrando em História (UNIFESP)

augustoassis2q3d@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva (UNIFESP)

O presente texto tem por objetivo oferecer uma breve análise da estátua de Augusto, dita de Prima Porta. Pretende-se refletir sobre aspectos políticos e ideológicos do principado augustano por meio de relações estabelecidas na estátua, permitindo, assim, a problematização de alguns de seus sentidos e construções. A fim de melhor dispor de ferramentas para o desafio imposto pelo exame proposto, mobilizamos alguns preceitos teórico-metodológicos basilares, considerando questões materiais e iconográficas.

Inicialmente, compreende-se, aqui, que as imagens estão sempre inseridas em contextos culturais complexos, logo, são capazes de interferir nas relações sociais, manifestando, outrossim, determinada agência (MITCHELL, 2005, p. 10-11). Ademais, a materialidade do objeto pode ser concebida como produto, mas também vetor das relações entre os indivíduos (REDE, 2012, p. 147). Por fim, além da já pontuada inserção histórica, ressaltam-se os contextos sistêmicos e arqueológicos dos objetos (FRANCISCO; SARIAN; CERQUEIRA, 2020, p. 148).

A estátua em questão foi escavada em meados do século XIX, em Roma, próxima à antiga Via Flamínia, na Vila de Lúvia, retiro da esposa de Augusto após sua morte. Por ter sido encontrada nas imediações de Prima Porta, ganhou o nome que demarcou seu *locus* na história: Augusto de Prima Porta. Produzida com o célebre mármore de Paros e possuindo pouco mais de dois metros, ela ainda passaria pelo restauro de Pietro Tenerani antes de ser alocada no *Braccio Nuovo* dos Museus do Vaticano, onde se encontra ainda hoje. A estátua é, provavelmente, a cópia de uma original em bronze, produzida em torno de 20 a.C., época da devolução dos estandartes romanos pelos Partas - motivo iconográfico central da obra.

Augusto é representado de pé, descalço, com o peso do corpo alocado majoritariamente na perna direita, enquanto a esquerda, com leve flexão, esbarra a ponta dos dedos no chão. Desse modo, o quadril apresenta sutil deslocamento no sentido da perna tensionada, não se alinhando com os ombros, o que gera certa sensação de

1 Este texto apresenta resultados parciais de pesquisa da Iniciação Científica desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), entre 2020 e 2021, processo nº: 2020/06052-6, sob orientação do Prof. Dr. Glaydson José da Silva.

movimento na estátua. O torso é coberto por uma couraça militar ricamente ornada, deformada pela musculatura bem definida. Contudo, diretamente sobre o corpo incide uma túnica pregueada, que é visível cobrindo as coxas e as mangas dos braços - onde também há uma placa da couraça de cada lado.

Ademais, o braço direito estendido e reclinado para cima contrasta com o esquerdo que, além de dobrado, suporta um manto que se enrola desde a cintura. A face austera apresenta as consagradas fisionomia e franja em *crab claw* de Augusto. A mão esquerda portava, certamente, um objeto em forma de haste, ao passo que a direita possui indicador e polegar distendidos e os demais dedos em contração.² Por fim, uma pequena figura infantil nua e alada, montada num golfinho, estica o braço esquerdo para Augusto, quase encostando na perna destra da estátua. **(Imagem 01)**

A priori, a composição geral da estátua aponta para uma representação de Augusto enquanto *Imperator*, o que é evidenciado, *exempli gratia*, nas vestimentas militares e no posicionamento do corpo; o braço esticado poderia, inclusive, ir além, vetorizando a sua *auctoritas* (PEREIRA, 1984, p. 464). Esse aspecto pode ser considerado como não muito usual nas representações de Augusto, que têm como ênfase, em geral, a *dignitas*, observada de maneira exemplar na sua estátua da Via Labicana, mas igualmente presente em diversas outras produções. Ademais, a pequena criança, vista como Eros e alusiva a Vênus, e os pés descalços de Augusto³ apontam para o atrelamento da sua figura a um processo divinatório (ZANKER, 1988, p. 189).

Não raro, Augusto busca se fiar à Vênus. A base dessa relação está no fato de que a Deusa seria a mãe de Eneias nos mitos fundacionais de Roma. Do herói troiano, por sua vez, decorreria a *Gens Iulia*, da qual Augusto passa a fazer parte após ser adotado por Júlio César.⁴ Ponto incontornável da produção cultural da época, a *Eneida*, de Virgílio, estabelece uma relação entre Vênus e Augusto. Na passagem a seguir, Júpiter profetiza à Deusa o surgimento de um grande Império decorrente da genealogia de seu filho:

César de Troia [Augusto], de origem tão clara, até as águas do Oceano/vai estender-se; sua fama há de aos astros chegar dentro em pouco./Do claro nome de Iulo provém o cognome de Júlio./Livre do medo infundado, hás de um dia no Olimpo acolhê-lo,/rico de espólios do Oriente. Invocado vai ser pelos homens. Então, suspensas as guerras, aquietam-se os ásperos sec'los. (Verg., *A.*, 1, 286-291)

2 A mão direita escavada contava unicamente com o dedo anelar. O restauro desta parte da estátua, a fim de reconstruir o restante da mão, analisou a nervura de seu dorso. A aceitação dessa reconstrução, contudo, não é unânime.

3 Por essa ser enxergada como uma cópia produzida no tempo de Tibério, os pés descalços podem ser compreendidos, para alguns autores, enquanto uma alusão à morte de Augusto, fator não existente, destarte, na versão original (REIS, 2014, p. 356).

4 A partir de Júlio César, portanto, Augusto, e toda a dinastia Júlio-claudiana, reivindicaram ancestralidade para com Vênus. Destaca-se, nesse período, sua representação enquanto *Venus Genetrix*, tornando-se um tipo escultórico corrente.

Ademais, as influências da cultura grega na estátua são latentes. A princípio, o corpo de Augusto pode ser considerado uma imitação do Doríforo, de Policleto, **(Imagem 02)**⁵, especialmente através do *Contrapposto*, com o mesmo posicionamento da cabeça, torso e membros. As diferenças principais são o antebraço esquerdo de Augusto, que está caído, e o direito, completamente esticado, o que desafia o equilíbrio quiasmático do exemplar grego. Além disso, apesar das vestimentas, a anatomia bem definida do busto, deformando a couraça, aproxima Prima Porta da nudez heroica, ainda que por meio de certa mediação moral (REIS, 2014, p. 363).



Imagem 01 (esquerda): Augusto de Prima Porta (Fonte: Musei Vaticani)

Imagem 02 (direita): Doríforo (Fonte: Museo Archeologico Nazionale di Napoli)

A couraça possui alta densidade iconográfica, e a interpretação dos relevos ainda é muito debatida. Para os fins deste trabalho, mobilizaremos somente algumas representações fundamentais para a análise. No centro da imagem, o rei parta é retratado devolvendo um estandarte legionário a uma figura militar, representante romano.⁶ Nas laterais, duas figuras femininas portam símbolos de províncias dominadas, como a Gália, a Hispânia e a Armênia - região em constante tensão com os partas. As abotoaduras da couraça, nos ombros, portam duas esfinges - símbolos do Egito, conquistado em 30 a. C.. Outrossim, no entorno da cena principal, algumas di-

⁵ A obra original, produzida em meados do século V a.C. na Grécia, foi perdida. Restaram apenas cópias e reproduções helenísticas e romanas. A considerada mais completa está no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles.

⁶ Mota destaca que essa figura poderia ser Tibério, quem de fato recebeu os estandartes, ou Augusto, que reclama em primeira pessoa tal restituição (MOTA, 2015, p. 232-3). Zanker sugere a própria personificação de Marte Ultor (ZANKER, 1988, p. 189).

vindades são representadas, das quais destacamos: Apolo, inferior à esquerda, pela constante mobilização do Deus realizada por Augusto em inúmeras obras, no processo de divinização de sua ação (MARTINS, 2011, pp. 64-0); e Tellus, inferior e ao centro, pela analogia para com a bonança e a prosperidade.⁷ **(Imagem 03)**



Imagem 03: Couraça, detalhe (Fonte: Fischer, 2015)

A devolução do estandarte romano pelos Partas, perdido por Crasso na batalha de Carras, em 53 a.C., foi considerada uma grande vitória diplomática de Augusto. Contudo, a tradução do evento para o plano ideológico manifesta uma tentativa de consolidação dessa imagem atrelada à vitória e potência militar e a instauração da prosperidade (CUNHA, 2020, p. 337). A busca de estabilidade e consolidação da *Pax* através da guerra é o tema central da estátua (POLLINI, 2012, p. 9). Nas *Res Gestae Divi Augusti*, autobiografia política de Augusto, a descrição da devolução das insígnias busca manifestar sua potência militar: “Os Partos *impeli* a restituírem espólios e insígnias de três exércitos romanos para mim e a suplicarem a amizade do povo romano.” (Aug., *Anc.*, 29)

A vitória de Augusto – ainda Otávio, à época - sobre Marco Antônio, na Batalha do Ácio em 31 a.C., não significou um controle imediato e estável do poder. Para estabelecê-lo, uma série de alianças e reformas foram empreendidas, objetivando a acumulação de investiduras (MARTINS, 2017, pp. 448-9) e a manutenção, mesmo que aparente, da *Res Publica*, ancorando-se no ideal de estabilidade, por meio da noção de *Pax* (FUNARI, 2003, p. 65). Inserem-se aqui as reformas urbanas promovidas em Roma, com mudanças volumosas nos programas iconográficos (FERNANDES, 2016, p. 92), buscando alterar e induzir a experiência sensorial na *urbs* (FAVRO, 1996, p. 4). Percebe-se, desse modo, que o ideal imperial de edificação da paz pela guerra, almejado por Augusto, é bem materializado na estátua de Prima Porta, em diálogo multissensorial com produções centrais que compunham o imaginário da época. A análise dos discursos evocados, bem como seus sentidos e construções, permite

⁷ Representação semelhante pode ser encontrada na face leste da Ara Pacis Augustae, de interpretação sempre conturbada.

problematizar estruturas monolíticas de interpretação do passado; além de ampliar a reflexão crítica no presente.

LISTA DE ABREVIATURAS

Aug., *Anc.*, - Augustus, *Res Gestae Divi Augusti* (Augusto, *Feitos do Divino Augusto*).

Verg., *A.*, - Vergilius, *Aeneis* (Virgílio, *Eneida*).

FONTES

AUGUSTO. *Res Gestae Divi Augusti*. BRUNT, P. A.; MOORE, J. M. (orgs.). Nova Iorque: Oxford University Press, 1973.

MUSEI VATICANI. *Augusto di Prima Porta*. Disponível em: <<http://m.museivaticani.va/content/museivaticani-mobile/en/collezioni/musei/braccio-nuovo/Augusto-di-Prima-Porta.html>>.

FISCHER, J. *Augustus of Primaporta*, 2015. Disponível em: <https://smarthistory.org/augustus-of-primaporta/>>.

MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE DI NAPOLI. *Doryphoros*. Disponível em: <<https://www.museoarcheologicoinapoli.it/en/roomandsectionsoftheexhibition/sculptures-of-roman-campania/>>.

VIRGÍLIO. *Eneida*. NETO, J. A. (Org.). Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, M. Aspectos da Arquitetura Romana no Governo de Otávio Augusto: construção e perpetuação da memória nos templos de Apolo Palatino e de Marte Vingador (séc. I A.C.). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2020.

FAVRO, D. *The urban image of Augustan Rome*. Los Angeles: Cambridge University Press, 1996.

FERNANDES, M. Poder, Corpo e Mito no retrato romano na época de Augusto. NEARCO – *Revista Eletrônica de Antiguidade*, n. 1, p. 82-93, 2016.

FRANCISCO, G.; SARIAN, H.; CERQUEIRA, F. Retomando a Arqueologia da Imagem: entre iconografia clássica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, v. 40, n. 84,

p. 141-165, 2020.

FUNARI, P. A cidadania entre os romanos. In: PINSKI, J.; PINSKY, C. (orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 49-79.

MARTINS, P. *Imagem e Poder: Considerações sobre a Representação de Otávio Augusto*. São Paulo: Editora da USP, 2011.

MARTINS, P. Texto e imagem: História: Como se faz a História sob(re) Otávio/Augusto. In: SILVA, G.; SILVA, M. *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017, p. 437-468.

MOTA, T. *Deberi ad Sidera tolli: As Promessas de Divinização na Eneida e a Ancestralidade Heróica dos Iulii*. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2015.

MITCHELL, W. *What do pictures want?* Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

PEREIRA, M. *Estudos de História da Cultura Clássica*. 2. ed. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

POLLINI, J. *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome*. Oklahoma: University of Oklahoma Press; Norman, 2012.

REDE, M. História e Cultura Material. In: CARDOSO, C.; VAINFAS, R. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 133-150.

REIS, T. Entre o Céu e a Terra, a Glória de Roma: a Estátua Augusto da Prima Porta Revisitada. In: VERÍSSIMO, N.; SANTOS, T. (orgs.). *Universidade da Madeira: 25 anos*. Funchal: Universidade da Madeira, 2014, p. 351-364.

ZANKER, P. *The power of images in the age of Augustus*. University of Michigan Press, 1988.